

Jornal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR	
Anno ou 52 numeros.....	25500 réis
Semestre ou 25 numeros.....	15300 >
Trimestre ou 13 >.....	750 >
Avulso.....	60 >

— ANNO I—4 DE SETEMBRO DE 1881—N.º 29 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO
Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA BRAZIL	
Anno ou 52 numeros.....	75000 réis
Semestre ou 25 numeros.....	45000 >
Trimestre ou 13 >.....	25000 >
Avulso.....	200 >

SUMMARIO

GRAVURAS:—A Virgem no bosqu e; O que a mãe trouxe do mercadô, Os moedeiros falsos; Chypre.
 TEXTO:—Actualidades, por Iriel; As nossas gravuras; As solteironas, por André Theuret; O domingo historico, por A. O.; Horas de ocio; Portugal velho, por Delphin d'Almeida; Atravez da Siberia, por Victor Tissot e Constant Améro; Correspondencia.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

O director litterario do *Jornal do Domingo*, que só provisoriamente se encarregará da sec-

recção suprema do jornal, acaba de convidar o moço e talentoso escriptor, o sr. Jayme de Séguier para escrever essas chronicas semanaes. Foi esta uma verdadeira acquisição, porque o

dencias humoristicas de Lisboa, firmadas com o pseudonymo de Iriel e publicadas na *Folha Nova* do Porto. Dando esta boa noticia aos nossos leitores, apresentamos-lhe ao mesmo tempo



A VIRGEM NO BOSQUE

ção das *Actualidades*, porque precisa do seu tempo para se occupar exclusivamente da di-

talento de Séguier, já provadissimo, acalba agora de se afirmar brilhantemente nas correspon-

o nosso novo collabrador, que faz hoje a sua estreia.

ACTUALIDADES

Se Sua Magestade o publico é um pouco mais amavel do que andam a dizer por ali os authores de romances que elle não compra e dos dramas em 5 actos que elle patia — bem pôde, com essa imperturbavel serenidade que dá o longo habito do mundo e ao mesmo tempo com essa affavel e risonha benevolencia que os soberanos intelligentes dispensam aos humildes e aos tímidos, — dar-me quanto antes um pouco de coragem.

Elle bem me está a vêr na falsa attitude de *apresentado* obscuro, — o corpo inclinado, os olhos no chão, e os labios balbuciando essas formulas banaes da sociedade, que, apesar de repetidas trez ou quatro vezes todos os dias, nunca chegam a ficar bem sabidas — justamente como o *Padre Nosso*. Eu bem lhe queria explicar ao que vinha, mas realmente estou tão comprometido. . . E se elle me pergunta, com uma grossa voz, as sobrancelhas unidas por um pensamento de desconfiança: — *Quem é o senhor e que vem cá fazer?* Eu tenho a certeza de que não atino coizo: com coisa e que não passo de murmurar muito atrapalhado: — *Eu sou aquella pessoa . . . O sr. Pinheiro Chagas é que . . .*

Ah! quando elle souber a verdade toda, quando souber que este nome desconhecido vem substituir o nome glorioso que firmava estas columnas, que, em vez do seu estylo impetuoso e fulgurante de imagens, que sabe, no seu desdobraimento torrencial, fixar na passagem as côres mais vivas, os contornos mais firmes, os perfumes mais raros, e que é elle proprio uma symphonia esplendida da forma, orchestrada por quem conhece a fundo todas as *nuanças* de tom, todos os *bemoes* da palayra, todos os *transportes* da phantasia, elle deverá d'ora ávante mirar-se na *lympha anodyna* e *chilra* da minha pobre prosa de principiante — quando elle o souber, então é que eu chego a receiar que esta apresentação seja um pouco no genero das que se fazem nos bailes, no intervallo de duas marcas d'uma contradança, e em que a voz de uma senhora approxima por vezes duas incompatibilidades que se sorriem um momento, inclinando-se, com um gentil movimento de saudação, quites por no dia seguinte se cruzarem na rua, sem um sorriso, sem um olhar, sem uma mão sequer levada cortezmente ao chapéu.

De mais a mais em que circumstancias esta apresentação lhe é feita! Se houve semana esteril, arida e ingrata no verão felizmente quasi findo — foi decerto esta que decorreu. Debalde lanço ao fundo do rio o meu ensinno de pescador de novidades; em vez das conchas bivalves, pequeninos cofres calcareos, *capitonés* pelo setim verde dos limos, e contendo em si o marisco picante e acre, com esse ligeiro sabor salgado, que estimula o paladar dos gastronomos e dos publicos um pouco. . . *blasés*, elle não me traz nos seus dentes de ferro senão destroços da vil calçada do alveolo, seixos sem veios de ouro, pedras sem arestas preciosas.

Uma semana cujo principal acontecimento é um *minuete* de creanças mascaradas, dançado sob os bicos do gaz d'um passeio publico, e dirigido por um ente singular e funambulesco, vestindo uma casaca de veludo roxo, um collete cobrindo-lhe o abdomen, calções de setim, meias de algodão e *talentos* nas barrigas das pernas — os unicos do proprietario! —; uma semana que contém e consente isto dentro de si, define-se bem a si propria. Pois não ha remedio senão confessional-o. Justino Soares

foi o heroe d'estes ultimos sete dias, um heroe com crise á quinta e ao domingo, — e a estopa da sua cabelleira empoada, é afinal, com magua o dizemos, tudo quanto fica d'esta semana.

Hontem porém n'uma das esquinas da baixa começou a branquejar uma tira de papel, estreita quasi como um lingoado jornalístico e impressa em caracteres bastante pequenos para não se poderem lêr senão de muito perto. Esse cartaz lançava na indifferença, no tedio, no calor morno da vida indigena, a noticia estridente e galvanisadora do *elenco* da companhia lyrica de S. Carlos.

Eu não sei se estou fallando a um publico de *dilletanti enragés*, ou se a maioria das opiniões dos meus leitores se inclina ao parecer de Theophilo Gauthier, que affirmava ser a musica o mais insupportavel de todos os ruidos.

Em quanto não adquirir a noção das suas predilecções artisticas — abster-me-hei prudentemente d'um assumpto que lhes pôde muito bem ser tão enfadonho, como — n'essa hypothese — uma symphonia de Beethoven.

Por isso poupo-me a uma dissertação sob esthetica musical que eu não deixaria de fazer por certo — do que nós nos livramos todos! — se percebesse que tal assumpto lhes era sympathico e referir-me-hei simplesmente a um dos nomes que figuram n'essa lista de notabilidades ou pseudo notabilidades que a empreza de S. Carlos vae fazer desfilar diante dos olhos dos espectadores lisbonenses — o nome d'uma contralto.

Esse nome é já qualquer coisa de extraordinario, de vago, de fatalista quasi. Essa contralto chama-se — *Stella Bonheur*, um nome que é quasi uma *payragem*, um aspecto stereoscopico, onde um lago parece abrir como uma nimpha as suas petalas d'agua, orvalhadas por essa luz pulverisada que o luar transverbera atravez as neblinas e por sobre o qual um ceu se arqueia, como um platano enorme, de folhagens d'ouro, humidas d'esse pranto de luz que os astros choram. *Stella!*

Tudo quanto a poesia creou de loiro, de pallido, de diaphano, de transparente, transluz n'aquellas syllabas, onde pulsa todo o mysterio suave das coisas irreductiveis á expressão humana — a tremulina das estrellas sobre as ondinas dos rios, as indiscripções das brisas, as confidencias das fontes, a candura do ar, os sons vagos que passam na noite sem se saber d'onde veem, sem que se adivinhe onde vão e que voam, como beijos alados, de labios phantasticos a faces distantes e invisiveis.

Não é verdade que esse nome descreve bem o ser que o deve usar — uma doce e franzina figura, uma especie de *christalisação* de aromas brandos, evadidos do calice das flores nocturnas? Pois bem, aqui mais do que nunca a realidade é o nadir da poesia — esse zenith. Dois retratos de *Stella Bonheur* — de quem dizia um barytono celebre: — Se se fizesse uma ponte com todos os corações que a amaram, ella poderia ir pelo seu pé cumprir uma escriptura á America — dois retratos de *Stella Bonheur* provam-nos que não é util fiar-se a gente nas revelações dos nomes, sobretudo quando esses nomes são nomes de guerra.

Do primeiro d'esses retratos resalta um busto estranho e phantastico, cortado pela objectiva photographica um pouco abaixo dos hombros, exactamente no ponto em que a linha plana do peito começa a melodisar-se em curvas. O rosto é desenhado a fortes traços, lançados duramente, mais com a preocupação de fazer *estranho* do que de fazer *bello*. As magãs do rosto protuberam-se n'uma firmeza rude e os

labios, largamente rasgados, conseguem vencer a *incoloração* photographica, dando, pelos meios restrictos da luz e das sombras, a impressão do *vermelho* sensual, sanguineo, rutilante. As narinas entreabertas, frementes, como as de uma fina egua andaluza, parecem aspirar um acre perfume invisivel e uma claridade que a faz bella cae dos seus olhos penetrantes. Este rosto singular, formosamente horrivel, affoga-se n'uma onda crespada, expessa, indomavel, de cabellos desordenados e revoltos. As côres mais sombrias, as imagens mais opacas, o horisonte das procellas, o brilho morno dos diamantes negros dariam talvez a ideia da treva d'esses cabellos, se a mão d'um artista superior, ao mesmo tempo, pintor, poeta e joalheiro os combinasse n'uma obra d'arte, em que collaborassem o pincel, a lyra e o esmeril. E na impressão resultante d'um olhar lançado a esta estranha figura entra sem duvida como elemento um vago e irreprimivel terror.

O outro retrato é mais singular ainda. Junto d'uma varanda de *columnas* torcidas de marmore, por sobre a qual se descobrem ao longe architecturas caprichosas, ella está deitada de frente para quem a contempla, sobre uma pelle de tigre mosqueada de manchas negras. Uma linha firme mas suave parte do seu hombro, desce na cintura, sobe no quadril e prolonga-se depois até o pequenino pé calçado n'uma sandalia bordada a perolas, onde termina insensivelmente. Assim, estirada, como um *fauve* felino, ella parece, ella é uma enorme panthera negra, uma d'essas feras primorosas, em que a natureza concentrou toda a maravilha elastica dos musculos, toda a furia d'um amor latente, prompto a expandir-se não simplesmente pelo beijo ou pela caricia, mas pela dilaceração da carne sob a aresta das garras ou sob a mordedura dos dentes — e que de vez em quando desafloga n'um rugido selvagem, que põe bruscamente de pé, tremulos de desejo, os tigres adormecidos e faz *uvrar*, loucas de terror, as vozes dos chacaes na noite!

E ao contemplar essa bella esphinge de carne, surprehendida pela photographia na indolencia mysteriosa da sua attitude, eu perguntava a mim proprio qual será o enigma que ella contem e, como *dilletanti* sincero, fazia intimos votos para que esse enigma não seja — uma voz desafinada.

IR. R.

AS NOSSAS GRAVURAS

A VIRGEM NO BOSQUE. — Não é a leitores portugueses que se torna necessario explicar este quadro. Abundam tanto no nosso paiz como em todos os paizes catholicos estas imagens da Virgem, encontradas no seio dos bosques e rodeiadas de uma doce auréola de lenda! As historias phantasticas que a ella se ligam tem sempre um ponto commum: o amor da Virgem pelo canto verdejante da floresta onde foi encontrada, ou pela humida lapa, ou pela concavidade da rocha onde appareceu, manifestando-se quasi sempre por algum milagre. Construe-se-lhe ao longe uma igreja pomposa, e apenas a transportam para o seu luzido altar, a Virgem saudosa do seu eremiterio de folhas, do seu alpestre esconderijo, foge de noite, e os devotos vão encontrá-la de novo no seu ninho predilecto, onde é forçoso conservá-la.

Umaz vezes em torno do sitio que a Virgem ama

se fórma a igreja, e em torno da igreja a povoação; outras vezes construe-se apenas uma singela ermida, outras vezes, e é então que se cumprem mais ao pé da letra as vontades da Senhora, faz-se-lhe apenas um nicho onde ella pôde repousar tranquilla, regalando os seus olhos com o formoso espectáculo do arvoredo orvalhado.

É este o caso que se dá na scena que representa a nossa gravura, copia de um quadro celebre do grande pintor inglez Orebardson. A mãe afflicta invoca a protecção da Virgem para o filho que lhe offerece, e dirige-se a esta, porque são sempre mais milagrosas as Virgens da solidão, d'uma solidão religiosa onde Deus falla ao coração do homem, e o homem ao coração de Deus, segundo a legenda famosa do convento de Monte-Carmo.

O QUE A MÃE TROUXE DO MERCADO. — Dispensam-nos de certo os leitores d'um grande numero de considerações a respeito da curiosidade, basta-lhes que lhes digamos o nome do author do delicioso quadro que a nossa gravura representa. Chama-se o sr. Meyer von Bremen. Foi muito admirado este quadro pela graciosa ingenuidade dos pequenos actores que põe em scena. A mãe trouxe do mercado um passarinho, e os pequenos estão mortos por lhe vêr a cabecinha emplumada. A roda da meza vêem-se todos os objectos que indicam um largo passeio de campones ou camponeza: o forte chapéu de chuva de grosso cabo e curto. Vê-se que a mãe saiu apenas um instante para dar algum recado urgente, e os pequenos revelam tambem na physionomia que a pressa é grande, e que não tem muito tempo para satisfazer a sua curiosidade.

OS MOEDEIROS FALSOS. — Este quadro parece-nos uma verdadeira obra prima, e tanto que dispensa até qualquer commentario. O seu auctor é o sr. Lischener de Duneldorf, e a expressão que deu a todas as physionomias é uma explicação mais do que sufficiente do assumpto. Evidentemente os criminosos correm serio perigo de ser surpreendidos. A policia bateu á porta e o molosso habituado á lucta corre ameaçador; molosso mais terrível ainda, o ferreiro prepara-se para uma resistencia enérgica; mas o culpado principal, o homem de sciencia que aproveita para o mal o seu saber e o seu talento, esse, covarde como todos os inspiradores d'essas emprezas criminosas deixa transluzir na physionomia o mais profundo terror. A scena é completa, e não pôde ir mais longe a arte human a do que a levou n'este quadro o notabilissimo Lischener.

СЛУЖЕ. — A occupação de Chypre pelos inglezes, e ainda ha mezes o terrível terremoto que se sentiu n'esta ilha, chamaram para ella a attenção geral.

Na idade média tornou-se muito celebre; nos tempos modernos a chinella e a meia lua do turco influenciaram ali tanto — que a ilha se arruinou caindo em decadencia. Muito habeis, estes turcos — para a inepcia!

Está situada nos mares que banham a Asia Menor, e crê-se que os seus primeiros habitantes lhe vieram da Phenicia.

O que se pôde affirmar é que o solo, d'uma fertilidade maravilhosa, produzia em abundancia os mais apreciaveis fructos, e os habitantes enriqueciam-se sem muito trabalho. Não é pois para admirar que aquella que toda a gente sabe que saiu das ondas — Venus — tivesse um grande culto n'esta ilha flores-

cente onde ha as mais pittorescas regiões, e o clima mais doce e enervante.

Tres templos levantados em Paphos, em Idalia e Amathonte, chamavam ali de todos os pontos da Grecia e da Asia-Menor milhares de adoradores da filha de Diana.

Tão bella perola fascinou muitos povos, arrastando-os ao vez a ilha, de se apossarem d'ella contra a vontade dos proprios ilheus. Conservou-se por muito tempo submissa aos persas, e submetteu-se depois a Alexandre, o grande general que... como é costume ostentar nos discursos academicos.

Segue-se depois uma enormidade de possuidores e portanto de desordens entre elles para apanharem d'uma vez a ilha, uma enormidade tal, com a grande confusão das datas e dos nomes vêsgos, que não temos animo de fulminar cruelmente o bom leitor pacifico, com o horror d'uma columna de labyrinthos historicos.

Chypre chegou a sustentar mais de quatrocentos mil habitantes.

Os turcos, porém, afflictos com tanto proximo temido a grande pericia de fazerem com que a população diminua.

A ilha conta na actualidade perto de uns cem mil habitantes.

Os processos para se chegar a um tão benefico e humano resultado, são simples: A administração turca transforma em desertos os logares reputados mais fertes, e por occasião da conquista da ilha os massacres foram medonhos.

O clima da ilha é bom em geral. As correntes d'agua são devidas aos invernos e seccam no verão. Ha minas de cobre que por emquanto pouco se exploraram, assim como outros mineraes. A fonte de riqueza, porém, da ilha de Venus, é o linho e o algodão.

O algodão de Chypre é o melhor que se conhece. Quanto ao vinho, ao lendario vinho de Chypre, que tem a mais bella reputação em todo o mundo, pôdes ter a certeza, bom leitor, de que em Portugal o beberás facilmente.

Ha muito por ahí. O vinho de Chypre entre nós teve uma grande venda, e ainda hoje a tem. Parece sair baratissimo, este precioso licór, porque o podés beber — em todos os discursos enfatuados.

O que serve para imagens, o que se tira desarrolhando-se a rhetorica, encontra-se muito facilmente.

Quanto ao que sae d'uma bella garrafa, lacrada e empalhada, quanto a esse podeis ter a certeza que poucas ou nenhuma vez o chegareis aos beiços ávidos:

Mas o outro, o que se vende para tropos, tambem não é mau!...

AS SOLTEIRONAS

(Continuado do numero anterior)

A volta uma boa ceia nos esperava na sala alegremente illuminada. Uma perdiz assada e rechheada de tubaras borgonhezas exhalava um cheirinho appetitoso, e na toalha branca uma moita de camarões de Anjou punha a sua nota carmezim. E demais as duas excellentes mulheres pareciam tão alegres com a nossa alegria, tão felizes por terem duas crianças já bastante crescidas de que cuidar n'essa casa onde tão raras vezes vibravam as gargalhadas! Os retratos dos antepassados pareciam todos alegres com isso. Um d'elles sobretudo sorria-se para mim de um mo-

do encantador, de cada vez que eu levantava o meu copo cheio de um velho Borgonha. Era um *pastel* de tons um pouco apagados, um retrato de menina de dezoito annos, vestida á moda dos ultimos tempos do reinado de Luiz XVI. O seu corpete, de um azul desmaiado, meio aberto e ornado com um botão de rosa, deixava ver um pescoço cujas linhas delicadas eram cortadas por uma fita de veludo atada em forma de collar; os labios sorriam ingenuamente e os olhos ingenuos e um pouco espantados sorriam-se tambem; nós cabellos frizados, com pós, desabrochava uma rosa. Como os meus olhares se voltavam curiosamente para essa juvenil physionomia, a velha senhora disse-me: Era uma irmã de minha mãe, noiva de um dos seus primos que era tenente no exercito do Mosella, e que morreu de uma febre maligna em Thionville.

— Amava-a deveras, tornou sua filha com um suspiro, temos lá em cima uma carta d'elle que sempre me enche os olhos de lagrimas quando a releio.

— Deixa-a ver? perguntou Tristão.

— Com muito gosto, sei que muito os ha-de interessar.

Quando, depois da ceia, estavam para vir para o nosso quarto, tirou da secretaria uma pastasinha cor de malva deshotada que entregou a Tristão e que este se apressou a visitar logo que ficámos sós.

— Gosto, disse elle estendendo os papeis amarelados em cima da meza, de remexer n'estas velhas cinzas de outr'ora. Parece que respiro um perfume do tempo passado.

— Sim, tornei eu, com um fragmento de carta, com uma particularidade familiar de fato ou de mobilia, penetramos nos interiores do tempo antigo e reconstruimos a existencia d'aquelles que os habitaram. É o que dá tão captivador encanto aos quadros de Chardin; uma criança que vae para a escola, uma mãe de amilia, que ensina a seus filhos a rezar, menos do que isso ainda, um ou dois utensilios agrupados n'um pedaço de tela, uma torneira de cobre, um prato de faiença introduzem-nos discretamente na vida burgueza do seculo XVIII, e fazem com que a estimemos.

Abrimos a carta. Era concebida nos seguintes termos:

«Thionville, 8 de dezembro de 1792»

«Se ha tres mezes que estou ausente lhe não dou noticias minhas, querida prima, não me accuse de esquecimento. Attribua-o ás mudanças de guarnição que temos tido incessantemente até hoje, se escrevi a meus pais, foi de passagem e ao correr da pena. É bondosa, minha querida prima, e ha-de-me conceder o perdão que me parece que mereço. O meu coração está sempre comigo; lembro-me sempre da nossa ultima conversação dabaixo da latada, em que me jurou que nunca outro homem lhe chamaria sua mulher. E eu, creia-me, antes quero morrer do que esquece-la. Esteja persuadida do meu juizo e da minha fidelidade, apesar das tentações da vida que levo, porque aqui as raparigas são umas descaradas e correm atraz dos homens mais do que na nossa terra; mas é bem facil resistir-lhes quando se é amado por uma pessoa tão seductora como a minha querida prima.

Mando-lhe um regalo por intermedio do sr. prior. Receba-o com tanto gosto como eu lh'o mando, e com isso folgarei. Espero que o não metta no armario, e que o leve ás festas como lembrança minha. Não lhe peço que me seja fiel, sei que tem o coração tão nobre, tão firme que nunca poderá trahir os seus ju-

ramentos, e n'isso confio. Adeus, meu bem, e meu thesouro, beijo-a um milhão de vezes. Seu papic humilde e fiel amigo

Antonio Drouin

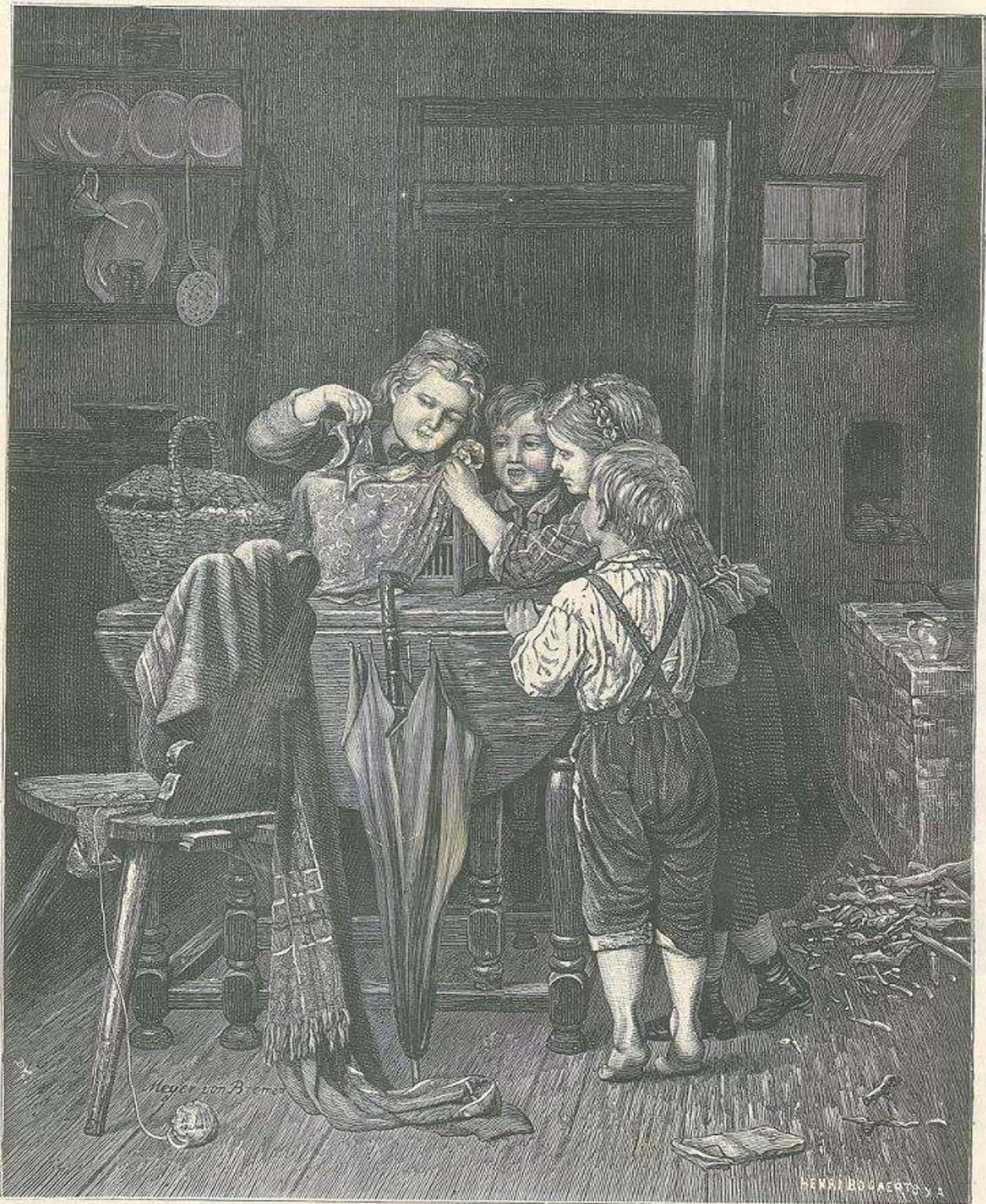
«Uma farda e dois coletes brancos e umas calças brancas, avaliado tudo em 125 francos.»

E assim seguidamente até ao total que subia a 424 francos e 10 centimos. Emfim o ultimo papel do masso era um impresso em que se lia:

Visto por nós, commissario das guerras.

Assignado Paris

Tudo escripto n'um velho papel esverdinhado, forte e granuloso, que durára mais tempo do que o



O QUE A MÃE TROUXE DO MERCADO

Junto com essa honesta carta de amor estava um rol das «roupas e fatos pertencentes a Antomo Drouin, tenente do 2.º batalhão do Alto-Marne.» A lista era curta e a bagagem modesta; havia: «Um chapéu avaliado em 27 francos.

«Extracto do registro mortuario do hospital de Thionville n.º 2 do batalhão das guardas nacionaes do Alto Marne: Antonio Drouin, tenente, natural de Varennes, districto de Bourbonne, entrou no dito hospital a 5 de fevereiro de 1793, e morreu a 13.

tenente Antonio Drouin. Não era tocante na sua breve simplicidade, esse pequeno romance de amor encerrado bruscamente no hospital?

— Ah! exclamou Tristão, bem sei que se morre; mas nunca um moralista me fez tocar tanto com o

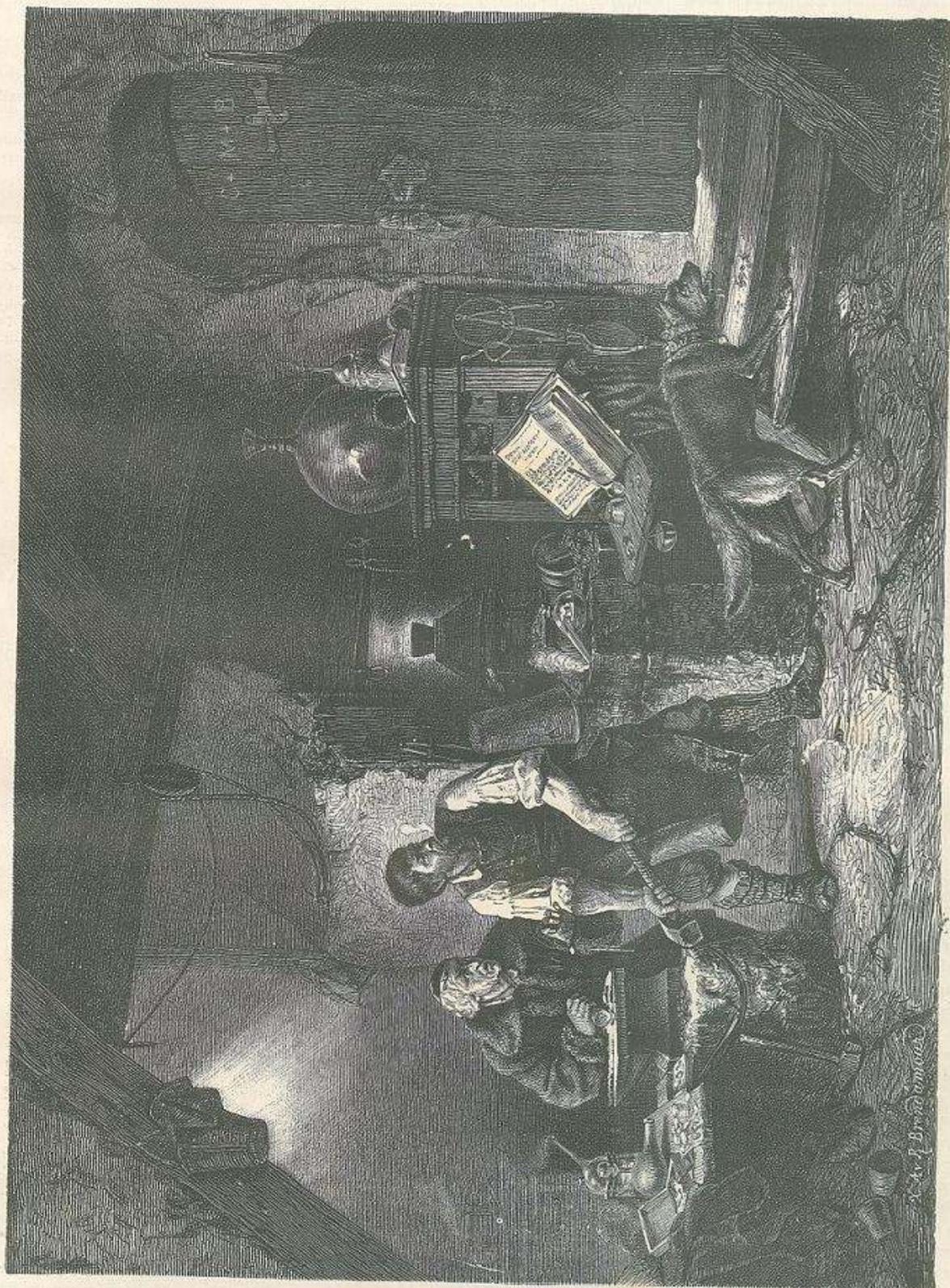
dedo na morte como esta carta que a mão de Drouin percorreu lentamente em quanto o coração commovido dictava... E a amada prima, morta também, e o prior compadecido, que se encarregára de entregar o regalo — morto.

seu juvenil peito palpitante o presente do hem-amado?

De certo que o usou e quantas lagrimas caíram nas pelles quando soube que estava tudo acabado, que o menestrel de Varennes os não guiaria á igreja,

nio Drouin, teria sido olvidado? Teria curiosidade de saber o que lhe pareceram agora as vaidades do amor!

— Cala-te, interrompeu Tristão poisando a mão no meu braço, não brinquemos, sinto-me nervoso, e



OS MOEDEIROS FALSOS

— A prima usaria ao menos o regalo? disse eu então, enterraria n'elle voluptuosamente as suas mãos, affrontando as linguas indiscretas da aldeia, onde um regalo n'essa epoca devia ser um objecto de luxó? Apertaria com bastante força, de encontro ao

e que depois da refeição da tarde não se esquivariam em segredo para irem sósinhas á latada?

— Estás certo que chorou muito tempo?... Devia ter relido muitas vezes essa pobre carta, e crontudo não lhe vejo signaes de lagrimas... Tenente Anto-

tenho um medo pueril de o ver apparecer ali diante de nós com o seu uniforme de panno branco avaliado em 12 francos... Vamo-nos deitar.

O DOMINGO HISTÓRICO

4 de setembro de 1275 — Bulla De regno Portugalie

A lucta entre a monarchia e o clero é um dos factos mais importantes da historia portugueza no tempo dos primeiros reis; e se algumas vezes os soberanos fizeram dobrar deante do seu poder o estado ecclesiastico, muitas outras tambem se viram obrigados a ceder em frente da opposição levantada por essa ordem poderosa do estado.

Foi á influencia dos prelados, com quem se indispozera, que D. Sancho II devcu a sua desthronisação e o príncipe D. Afonso, escolhido para substituir o monarcha deposto, só partiu para Portugal, afim de tomar conta do governo da nação, depois de haver promettido solemnemente amparar os mosteiros e clérigos, restituindo-lhes o que lhes houvessem tirado, submeter-se sempre ás decisões de Roma e consultar os bispos em todos os assumptos de interesse publico.

Apesar de todas essas promessas Afonso III não deixou de ter graves discordias com o clero e a navegação do Douro, que já dera logar a varias questões nos reinados anteriores, foi ainda a origem de novas dissensões porque o bispo, dominando na margem esquerda, pretendia receber os direitos das embarcações que entravam no rio e a corôa tinha igual pretensão porque era senhora do castello de Gaia na margem esquerda.

A questão foi afinal resolvida nas côrtes de Leiria em 1254, tendo porém as inquirições, começadas em 1258, provado que muitas terras da corôa andavam pelas mãos dos particulares, o soberano publicou em 1263, umas provisões ordenando não só que as terras rapinadas pelos seus possuidores ainda vivos fossem restituídas ao estado mas até, dando a lei um effeito retroactivo, que se investigasse dos legados para desapossar quem estava já ao abrigo da prescripção.

Esta medida violenta e injusta na sua segunda parte despertou principalmente a colera do clero que reconheceu então ter em D. Afonso III um inimigo fidalgo, que rasgando as estipulações feitas, quando era conde de Bolonha lhe atirava ousadamente a luva ás faces.

Quatro dos sete bispos que então havia em Portugal, fulminaram o interdito sobre o reino e dirigiram-se a Italia onde apresentaram ao papa Clemente IV uma longa exposição dos seus agravos, mas o monarcha astucioso fez chegar ás mãos do pontifice um protesto dos concelhos contra as queixas dos prelados e declarando que ia elle proprio á Palestina tomar parte na cruzada empreendida por Luiz IX de França, captou as boas graças de Clemente IV, que levantou o interdito e se limitou a admoestar o rei portuguez para que remediasse os males de que os bispos se queixavam.

Esta brandura do pontifice era uma primeira victoria ganha por Afonso III, não escrupulizando porém o monarcha em se apoderar dos bens e redditos dos bispados que contra elle se haviam pronunciado, as queixas, formuladas com bastante exaggeração em 1267, tinham sua razão de ser em 1272 e por isso o bispo do Porto erguendo-se altivo, como representante da igreja ultrajada, intimou o pontifice para que defendesse as regalias ecclesiasticas violadas pelo ousado soberano que as calcava aos pés.

Gregorio X, que então cingia a theara, mandou a Afonso III uma bulla datada de 25 de maio de 1273, em que lhe recommendava que respeitasse as immu-

nidades ecclesiasticas, que remediasse os agravos de que se queixavam os bispos e que attendesse ao prior dos dominicanos e ao custodio e guardião dos frades menores, que elle encerrregava de lhe apresentarem a bulla.

Para escapar á leitura da monitoria papal, D. Afonso fingiu-se doente e depois lembrou-se de convocar côrtes em Santarem, onde ouviu os delegados do pontifice, apresentando ao mesmo tempo a carta em plenas côrtes nas quaes tinha de certo mais influencia do que os enviados de Gregorio X. Nomeou-se logo uma alçada para investigar o que havia de verdade nas accusações do papa, sendo porém escolhidos para ella homens todos muito affectos ao rei, Gregorio X indignado fulminou a celebre bulla de regno Portugalie, em que recordando a historia do conde de Bolonha ordenava que el-rei cumprisse fielmente as estipulações de Paris e dêsse ao clero todas as satisfações possiveis.

Para executar estas ordens dava-lhe o pontifice quatro mezes, e se no fim d'esse praso não estivessem cumpridas seria o rei excommungado; se ainda um mez depois continuassem as coisas como até ali, cahiria sobre todo o reino o interdito, e se Afonso III persistisse ainda mais tres mezes seria contra elle fulminada a terrivel sentença que despenhára D. Sancho II do throno.

A famosa bulla foi apresentada ao soberano a 6 de fevereiro de 1277, mas esse documento não fez mais do que exaltar a colera do rei portuguez, pelo que o legado do papa o excommungou e passados os devidos prazos foi promulgada a sentença que desligava os subditos do juramento de fidelidade.

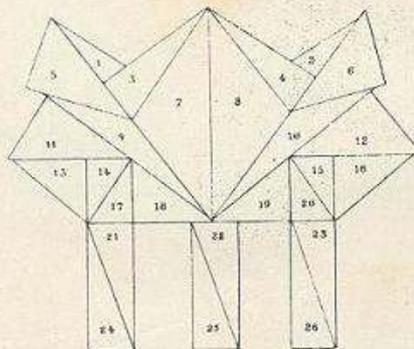
Os trinta annos decorridos desde a deposição de Sancho II tinham sido bastantes para tirar aos raios do Vaticano a sua fulminante influencia, e D. Afonso III, apesar de deposto solemnemente pela sé apostolica, conservou-se firme no governo e apenas algumas familias antigas parciaes de Sancho II responderam ás provocações de revolta partidas de Roma.

A. O.

HORAS DE OCIO

Problema geometrico

Construir um pentagono com os pedacos numerados da seguinte figura :



A E I O U
L D R D T
I A L O E
C G F G I
E R R O S

Com estas 25 letras formar o nome de um concelho da Beira.

Pergunta indiscreta

Qual é a villa de Portugal de que os padres gostam mais?

MANOEL ANTONIO COELHO ZILHÃO.

Embrulhada geographico-grammatical

Encontrar uma povoação em Traz-os-Montes, que tenha nove letras, formando-se com ellas sete substantivos e sete verbos, pela seguinte ordem:

SUBSTANTIVOS	VERBOS
2-3	4-5
2-3-7	3-5-7
1-2-6-7	1-2-5-7
2-3-5-8-9	2-3-7-8-9
1-2-3-7	4-7-8-9
2-3-8	1-3-8
3-8	8-9

MANOEL ANTONIO COELHO ZILHÃO.

Phantasia arithmetica

Ha um numero que, dividido successivamente por 4, 5, 6 e 7, dá constantemente de resto 3. Que numero é esse?

JOAQUIM RICARDO DOS REIS PEREIRA.

Soluções dos problemas do n.º 27

Lexicologia. — Telhado de igreja sempre goteja.

Embrulhada mythologica. — Silvano.

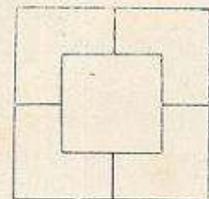
Phantasia arithmetica. — Um levava 45 codornizes outro 33.

4.º problema:

Vogal	A
Substantivo	RE
Verbo	TER
Pronome	ELLE
Nome proprio	SIMÃO

5.º problema. — Ninguem diga d'esta agua não beberei.

Problema geometrico



7.º problema. — Não ha mal que sempre dure nem bem que não acabe.

Soluções certas

Embrulhada mythologica. — João Manoel Rodrigues de Passos (Alportel), J. Fernandes de Freitas, Edipo,

Vasco (Coimbra), Benedicto Barros (Setubal), L. Oscar, os *Pierrots*, A. Portuckalensis, Manoel Antonio Coelho Zilhão.

Problema geometrico.— Um corneta, Alexandre de Oliveira, Edipo, Vasco (Coimbra), Benedicto Barros (Setubal). Os *Pierrots* A. Portuckalensis, C. F. B. A. M. Guedes (Vizeu), Manoel Antonio Coelho Zilhão, os mascaras vermelhas (Elvas).

Phantasia arithmetica.— Um corneta, J. Fernandes de Freitas, Alexandre de Oliveira, os *Pierrots*, A. Portuckalensis.

Lexicologia.— Edipo.

1.º Proverbio—L. Oscar, Manoel Antonio Coelho Zilhão.

2.º Proverbio—L. Oscar.

Nota.— Até á hora a que escrevemos, não recebemos ainda da administração do jornal a correspondencia da semana. Irão no proximo numero os nomes das outras pessoas que tiverem enviado as soluções certas dos problemas do n.º 27.

PORTUGAL VELHO

O LUXO

III

Um dos primeiros logares da gente miuda pertence aos monteiros de cavallo, cuja *libré* se compunha de capuzes, pelotas e calças de londres, jubões de fustam com meias mangas e colares de veludo negro dobrado.

Após elles os moços do monte, que vestiam capuzes, saias curtas, calças e carapuças de panno d'antona verde e jubão de fustam.

Os moços d'estribeira capuzes, pelotes e carapuças de panno de legitimo, calças d'antona e gibões de fustam, com meias mangas e collar de veludo preto dobrado.

Vejamos agora a classe operaria representada por mestre Pero, fundidor de ferro, e Pedro Afonso, cesteiro; aquelle figurava com o seu saio bastardo francez, calça de londres do preço de 400 réis o covado, jubam de chamalote com meias mangas, colar de veludo preto e carapuço do mesmo panno; este com o seu capotym, saio curto e calças d'antona verde, jubam de fustam e calções de pardo, por meia coxa.

Entre os serviços distinguiam-se os cosinheiros-móres, que eram dois, usando ambos capuzes de panno de londres, mongys de grã roxa, calças de grã vermelha, gibões e carapuças de veludo preto dobrado; o pasteleiro, os quatro porteiros da cosinha e os dois assadores, capuzes, pelotes e calças de londres, gibões de chamalote com meias mangas e collar de veludo preto; os dois cosinheiros pequenos e os dois alemteiros capuzes, pelotes e calças de bristol e gibões de chamalote.

Seguem-se os *varredeiros*, ou varredores com seus capuzes, pelotes, calças e carapuços de bristol, gibam de fustam preto e camisas de panno da terra; de inverno borneos pardos.

Por ultimo os escravos, em que parece haver quasi tanta variedade como nos fidalgos; por exemplo, João, o primeiro escravo de sua senhoria, adornava-se com o seu pelote, calças e carapuça de bristol, gibão de fustão preto e camisa de panno da terra, além do seu borneo pardo, ou d'outra cor da sua valia, para se agasalhar do frio, sem fallarmos dos sapatos e cinto; João da Mina, outro escravo, usava loba, pelote e calças d'antona preta, gibão de fustam, da mesma cor, camisa de panno da terra e a competente ca-

rapuça, sapatos e cinto; outros de menos consideração, talvez, não passavam do seu gabão de burel, pelote de Irlanda ou panno pardo de Castella forrado de panno de estopa até abaixo da cinta e camiza tambem de estopa.

Resta-nos ainda fallar de duas classes, que n'aquelle tempo viviam completamente á parte de toda a outra população, sujeitas a leis especiaes, e até habitando, nas terras mais populosas, em bairros separados. Os leitores já adivinharam, de certo, que nos queremos referir aos mouros e judeus.

No reinado d'el-rei D. Duarte queixou-se a communa dos mouros forros da Mouraria de Lisboa, que o alcaide pequeno da cidade apoquentava os pobres seguidores do propheta, querendo á viva força pol-os á sombra, na cadeia, por trazerem *sobre suas roupas albernozes, e escapularios e balandraes*, — coisas estas, cujo uso lhes era permitido pelas suas cartas e privilegios, e por isso as tinham usado sempre, acrescentando, por ultimo, que os albernozes eram *trajo usado e costumado em terra de mouros*. O rei, depois de ter examinado, em relação com os do seu desembargo, as cartas e privilegios da communa, assim como as ordenações respectivas a este negocio, e depois de ter ouvido tambem o alcaide, convenceu-se, á final de contas, que os mouros tinham razão no que expunham, e que o procedimento do sr. alcaide era pouco mais ou menos uma patifaria. Determinou, portanto, que elles podessem trazer sobre os seus vestidos albernozes, como sempre trouxeram, ou capuzes, ou balandraus, ou aljubas, conforme quizessem, «sem que lho fossem contadas as ditas cousas, nem elles presos, nem soffressem por isso qualquer outro desaguisado.» *E andem assy*, dizia o soberano, *como sempre andarom, visto que o trajo que ora trazem, é assas devisado do dos Christiaãos, e o sempre assy trouxerom, e podem traer per bem de suas Cartas, porque non he contra nossa Hordenaçom.*

Annos depois, D. Afonso V, revendo esta lei, confirmou-a, na essencia, mas deu-se ao incommodo de lhe fazer o respectivo regulamento, e portanto, de apertar um pouco o torniquete, como de costume. Houve por bem sua senhoria determinar que, se os mesmos mouros forros quizessem trazer aljuba, deviam tambem trazer os respectivos aljubetes, cumprindo que as mangas d'aquellas fossem tão largas que podesse revolver-se uma alda de medir panno em cada uma. Quanto aos albernozes deveriam ser fechados (*rarrados*) e *cozeitos com seus escapullarios*; e finalmente que nos balandraus e capuzes deveriam trazer sempre escapularios de traz. Esta ordenação concluia da seguinte forma: *O que nom trouzer cada uma das ditas roupas, perca a roupa, que trouzer, e seja preso ataa nossa mercê; e trazendo as ditas roupas, se non forem taates, como decem, segundo suzo é declarado, percão-nas e jaçam na cadea quinze dias.*

Vejamos agora como os seguidores do propheta eram contemp.ados nas librés de D. João II. M 29 de julho do anno de 1493 mandou sua alteza dar a Heabea, mouro carpinteiro, um capuz, pelota, calças e carapuço d'antona; gibão de fustam preto e um par de camisas de panno da terra.

A 10 de setembro do mesmo anno presentecou Durduz, mouro guia d'Alcacer, com uma marlotta e pelota azul, um capellar vermelho, todo d'antona e um par de camizas. Dias depois, a 17 do mesmo mez e anno, ordenava que se desse a Hamed Ben Omar, criado do alcaide Alaroz, *panno de londres dallguuma booa coor para hauma marlota e haum capuz; e assy haum barrete de grãa.*

Nas côrtes convocadas em Evora por el-rei D. João I, na era de 1429 (anno de 1391), queixaram-se: os po-

vos de que os judeus não traziam signaes, como lhes era ordenado, para se extremarem dos christãos, e se os traziam eram tão pequenos que difficilmente se reconheciam, ou tão escondidos, que se não viam. Ordenou, pois, el-rei, que *todosos Judeus do seu se-horio tragam signaes vermelhos de seis pernas cada hum no peito acima da boca do estomago*, devenesses signaes ser pregados nas roupas de cima, do tamanho do sello real, redondos, sempre bem descobertos e patentes á vista.

D. Afonso V confirmou a lei do seu avô, mas parece que os judeus, não obstante a severa penalidade com que era punida a infração (perdimento das roupas e cadea), reincidiram, pois que nas côrtes de Evora, anno de 1481, de novo se queixaram os povos, não só de que deixavam de trazer signaes, mas ainda andavam orgulhosamente em cavallos e mullas, com lobas e capuzes finos, com gibões de sedas, espadas doiradas, toucas rebuçadas, jaezes e guarnecimentos que tornavam impossivel serem conhecidos pelo que eram. Tudo isto se affigurava aos bons procuradores uma «coisa fea, deshonesta e abominavel», rogando, por tanto, ao soberano, que fizesse cumprir «as sanctas e devotas ordenações» que a similhante respeito havia. O rei limitou-se a ordenar que os hebreus trouxessem o costumado signal de estrella, sempre patente e na forma da ordenação; quanto ao vestido mandou que o não podessem trazer senão fechado e *daquelles pannos da sorte que he ordenado que tragam os outros homees que nam ham de traer seda.*

DELPHIM D'ALMEIDA.

ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS

POR

Victor Tissot e Constant Amcro

(Continuado de pag. 223)

- Vou para Nijni-Kolinsk.
- De lá venho eu, replicou o israelita.
- Vens de Nijni-Kolinsk? disse Yegor assustadissimo. A ninguém o digas, e aqui tens vinte rublos pela tua discrição. Está dito?
- Em quanto o deportado tirava da carteira a quantia referida, disse-lhe o judeu, estendendo a mão:
 - Se tambem tem algum segredo...
 - E então?
 - Podemos entender-nos...
 - Falla.
 - O que eu tenho é... ouro... e vendo-o em optimas condições.
 - Ouro roubado?
 - Não falle tão alto! Ouro subtrahido aos que lhe deitam a mão sem o trabalho de o explorar. Este, acrescentou elle tirando da algibeira um saquital de pello de esquilo, é das areias do Amu-Daria. Veja o pezo! Vinte e oito onças... e quasi sem prata nenhuma, e ainda menos cobre do que prata.
 - E dás-me todo esse ouro por um pouco do meu?
 - Sim, por um pouco do seu ouro... amoadado — ou por papel-moeda.
 - Yegor não ponde conter o riso, que lhe causava a idea de permutar o ouro vil de contrabando pelo ouro que trazia o sello do estado.
 - Quanto imaginas tu que pode valer isto? pergunta.
 - Mais de seiscentos rublos. E eu peço apenas cento e cincoenta. É muito?

— Não, de certo; mas eu não sou rico, quero fazer presente do teu sacco ao esaule. . .

— Grande é o serviço, que lhe quer pagar!

— Talvez. . . Dou-te cem rublos.

— Não, prefiro dirigir-me directamente ao esaule, para quem trago uma commissão verbal do esaule de Nijni-Kolinsk.

— E o dinheiro, que te dei? e o nosso ajuste?

— Já me ia esquecendo, replicou o judeu. Pois não fallarei com o esaule; mas ha de chegar aos cento e vinte rublos.

— Está tratado, meu amigo, dá cá o teu sacco; estão lá dentro umas pessoas com cuidado na minha demora.

dão, que tinha a liberdade de pagar quando e como quizesse, ao funcionario cumpria desempenhar as obrigações, por certo mais strictas, mais rigorosas do seu cargo. . .

— Esaule, principiou elle a dizer.

Yegor e Nadege leram-lhe na expressão do rosto que o chefe de policia ia denunciá-los.

Porem o esaule acabava justamente de ter uma ideia—uma bella ideia, pensava elle. E exclamou com vivacidade cortando a palavra a Yermac:

—Perdão! Meus senhores estou a pensar no meio de conciliar tudo.

— Como, esaule? perguntou Yermac cuja fronte estava aljofrada de suor.

— Agora, sr. official, é preciso cuidar dos cães, que nos offereceu para a viagem.

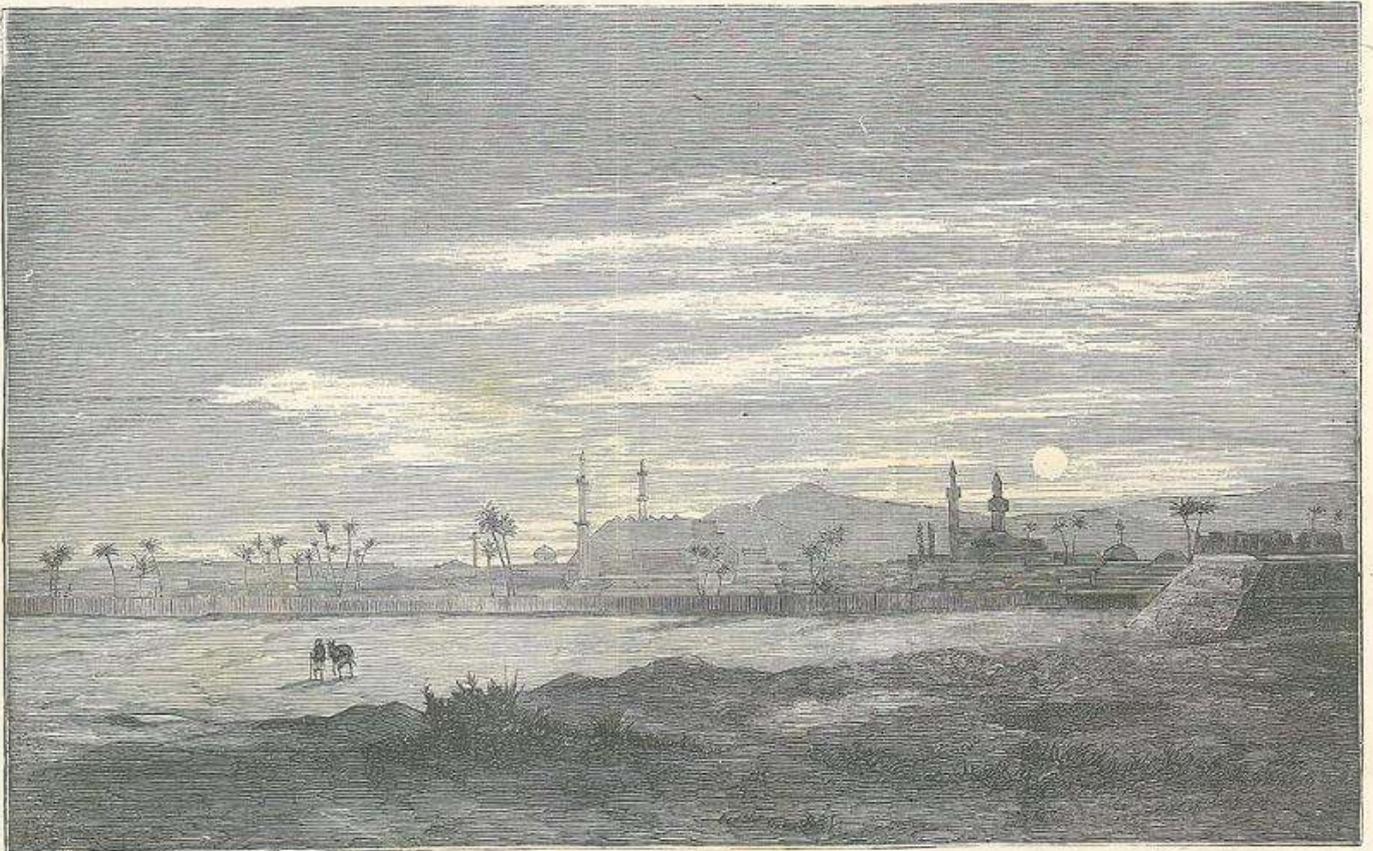
— Esteja descansado, respondeu o esaule, hei de dar-lhe para cada norta quinze ou dezoito cães dos melhores, que se encontram no paiz.

(Continua)

CORRESPONDENCIA

Caporal.—Enganou-se e não foi o unico. O rio Odeleite hoje é que pode dar o leite, porque hoje é que se chama assim. . . mas no tempo dos Romanos?

No resto acertou, como vio.



CHYPRE

Fez-se a troca do ouro e do papel, retirando-se comprador e vendedor cada um para seu lado, e, ao parecer, mui contentes com o negocio.

— Era comsigo, meu official, disse Yegor entrando na sala, que o judeu. . . queria tratar. Encarregue-me de entregar-lhe isto.

O esaule tomou o pezo do sacco, abriu-o, vio brilhar um ouro amarello do mais alto preço.

— Não hesitou um segundo.

— Bem sei, disse elle. . . e obrigado.

— Fechou o sacco precioso e fez um signal a Yegor que só podia significar uma cousa: estou ás suas ordens.

— Que miseravel! murmurou Yermac, que não perdera uma só palavra do dialogo, que não deixara passar um movimento. Deixar-se comprar!

Para elle era um horror:

Quería fallar, denunciar os fugitivos deante dos cossacos do ostrog. Quería exprobrar do esaule a sua venalidade, fazer um escandalo. Persuadiu-se, que havia em si duas entidades moralmente independentes uma da outra: o funcionario e o homem. Se o homem tinha contrahido uma divida de grati-

— De um modo simples. É partirem todos para o seu destino. . . amanhã. . . depois de uma noute de descanso, e de bom caler n'esta casa. São acompanhados por dois dos meus cossacos, que na volta me darão conta da verdade—de que aliás não duvido—dos factos, que me expozeram.

— Aceito da melhor vontade, deu-se pressa Yegor em responder, ainda que visse com terror a nova perspectiva, que apresentava o esaule. Comtudo preferia ser escoltado por dois cossacos no caninho Nijni-Kolinsk do que ver-se denunciado por Yermac: o perigo era menos immediato.

O chefe de policia, por seu lado ouvindo formular a proposta do esaule, sentio logo afrouxar-se-lhe o desejo, que, havia pouco o dominára, quando lhe pareceu que Yegor e os companheiros podiam salvar-se em virtude da cumplicidade do chefe do ostrog, comprada com o saquitel de ouro. Callou-se, julgando que dentro de algumas horas conseguiria o seu intento, sem proceder contra os adversarios.

Yegor, que o não perdia de vista, notou esse revivimento de opinião, e disse ao esaule com grande despreocupação de espirito:

N. P.—Como é que as phrases «Roma te saúda Cesar» «Paris te vence», Hugo», podiam ser a solução do problema a que se refere, e sobretudo como é que eram superiores á solução publicada? Tratava-se de uma phrase, que fosse a mesma, lida de diante para traz ou de traz para diante. A solução é só esta.

R. o. m. a. m. e. t. e. m. a. m. o. r.

Separámos as letras para poder ler á vontade a phrase de traz para diante. Applique o mesmo processo ás suas duas phrases, e veja se obtém o mesmo resultado.

A. J. G.—Recebemos, agradecemos e publicaremos.

J. G.—A seu tempo irão.

M. J. P.—Ficou archivado e tem logar na escala.

A. M. G.—Como vio, não tive naufragio, e cheguei a porto de salvamento. Agradecemos as suas amaveis palavras.

Nota.—Não recebemos a tempo a correspondencia da semana. Muitas respostas ficarão por conseguinte para o outro numero.